

## EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS COLETIVAS: FAZER PARTE DA “CORRENTE”

Autora: Maria Clara Rebel Araújo

Doutoranda PPG-PS/UERJ

e-mail: clararebel@yahoo.com.br

Co-autor: Ricardo-Vieiralves-Castro

Prof. Adjunto PPG-PS/UERJ

e-mail: ricardo.vieiralves@gmail.com

### **Introdução**

Apresentaremos aqui alguns dados parciais da pesquisa de doutorado: “Dimensões psicossociais na doutrina do Santo Daime”, que está sendo realizada dentro do PPG-PS/UERJ. O Santo Daime é uma religião brasileira que tem como característica principal o uso ritual de um chá com propriedades psicoativas, o qual é acompanhado do canto e dança de uma série de hinos, que não são considerados compostos, mas sim *recebidos* do plano espiritual. O Santo Daime foi fundado no Acre por volta de 1930 e manteve restrito à Amazônia até meados da década de 70, quando viajantes mochileiros ligados à contracultura e ao movimento Nova Era conheceram uma comunidade daimista liderada pelo Padrinho Sebastião Mota, e com sua permissão abriram as primeiras igrejas no Rio e em Brasília.

De lá para cá o Santo Daime cresceu, se expandiu e hoje possui igrejas em praticamente todos os estados brasileiros, bem com alguns países (como Espanha, Holanda e Alemanha, entre outros). O uso ritual do chá com propriedades psicoativas foi e é alvo de intensos debates políticos, científicos e jurídicos. Com relação ao Brasil, o uso ritual foi legalizado em 2004 pelo CONAD (ex CONFEN), depois de alguns anos de debates, permissões e proibições por parte do governo federal.

Um elemento fundamental para esta legalização foi a realização de uma série de pesquisas, sobretudo em antropologia, etnofarmacologia e psiquiatria que atestaram os possíveis benefícios e a legitimidade do uso do chá dentro de um contexto religioso, seja no meio rural ou urbano. Tanto os adeptos quanto os estudiosos deste tema consideram que o estado alterado de consciência experienciado no ritual não pode ser considerado como uma psicose, assim como o chá não pode ser considerado uma droga. Surpreendentemente, são poucos os estudos em psicologia sobre o tema, e mais raros

ainda as pesquisas em psicologia social sobre religiões em geral e o Daime em particular.

Nosso interesse é realizar uma pesquisa que aborde os aspectos psicossociais da *miração*- o estado alterado de consciência resultante da ingestão do Santo Daime. Através de pesquisa bibliográfica e de entrevistas semi-dirigidas, estamos analisando o quanto o grupo e o ritual daimista influenciam e dão sentido à *miração*. Além disso, estamos investigando o discurso dos daimistas acerca da mesma e de que forma o que é experienciado no ritual é partilhado posteriormente, na vida cotidiana dos membros grupo. Percebendo que existem diferenças sócio-culturais entre os daimistas “do Norte” e os “do Sul”, escolhemos realizar nosso trabalho de campo entre os membros das igrejas do Estado do Rio de Janeiro (existem igrejas daimistas no Rio, em Lumiar e em Visconde de Mauá, entre outras).

A metodologia empregada consistiu numa pesquisa bibliográfica sobre o tema e na realização de 25 entrevistas semi-dirigidas com daimistas das igrejas do Rio de Janeiro. Estas entrevistas estão sendo analisadas numa base qualitativa.

As *mirações* são sem dúvida um dos principais elementos da doutrina do Santo Daime. Ao lado dos hinos, elas são fundamentais para a experiência pessoal e coletiva nesta religião. Praticamente todas as pesquisas sobre as religiões e práticas ayahuasqueiras abordam em maior ou menor grau as *mirações* e sua relevância, seja qual for o campo de estudos que se proponha a estudar a ayahuasca e/ou o daime. Um de nossos entrevistados a descreveu da seguinte maneira:

A *miração* é uma expansão de consciência(...). Existem várias formas de *miração*, porque de várias maneiras a gente consegue expandir a nossa consciência. A gente pode mirar de olho aberto, de olho fechado, a gente vê uma situação, vê situações do passado, do presente onde a gente consegue ter um toque, uma luz, uma clareza, a gente mira com situações passadas e com situações do presente, recebe toques sobre essas situações bem do presente, uma luz, com muita clareza. É uma enorme gama de possibilidades. Eu aprendi nesses anos todos justamente isso, a *miração* tem muito de indescritível, de indefinível. É uma expansão de consciência e percepção. Não se resume a um fenômeno só.(S16)

Dentro de nossa tese, o foco são os aspectos psicossociais do fenômeno da *miração*. Isso de maneira nenhuma quer dizer que a *miração* seja apenas uma construção psicossocial. Ela é um fenômeno muito maior, mas a fim de podermos realizar nossa pesquisa, foi necessário fazer um corte epistemológico. Não se trata de um corte conceitual, pois sabemos que a *miração* possui um nível de complexidade que a impede

de ser plena e integralmente analisada seja por qual campo da ciência for. É algo vivo, em fluxo permanente entre o individual e o coletivo, o ritual, o “astral” e a floresta.

### **1- A corrente: o grupo percebido através da experiência religiosa**

Nesta comunicação, pretendemos abordar um aspecto relevante dentro da rede psicossocial do grupo: segundo os daimistas, existe um sentimento coletivo vivenciado nos rituais, comumente descrito como “sentir a corrente”, “estar na corrente”. Este sentimento e as imagens, sensações e pensamentos são de suma importância, como veremos, para a união do grupo.

Essa experiência coletiva, de acordo com os daimistas, não é apenas objetiva, mas em grande parte subjetiva. O momento da miração expõe uma série de fenômenos psicossociais muito interessantes e relevantes. Embora seja inegável que a miração seja algo que “passe a limpo” a vida da pessoa, e traga muitos entendimentos sobre seu Si-Mesmo, seu *Self*, sua missão na Terra, etc, também é inegável a forte influência e troca entre o indivíduo e o grupo no momento ritual.

Os estudos em Psicologia Social nos ensinaram a ver que esse processo de alteração da realidade e da consciência faz parte de um contexto mais amplo que o estritamente individual. Podemos considerar o momento da miração como um ponto em que o biográfico se une ao coletivo, sob influência dos hinos. Além da experiência individual, há também um forte conteúdo social envolvido na experiência com o chá.

Quando afirmamos que a psicologia social pode e deve estudar as experiências espirituais, procuramos encadear este campo de pesquisas a uma série de disciplinas e discussões sociais que já vêm, a algum tempo, dedicando-se a abordar as características da mente humana e do comportamento social fora do estado cotidiano de consciência.

Este novo campo, que estuda os estados alterados de consciência, bem como suas implicações filosóficas e terapêuticas, é visto com muita reserva pela ciência convencional e pela psicologia clássica, que, como já dissemos, na maioria das vezes se apegam a uma patologização de tais estados, sejam eles provocados por psicoativos ou não.

Nossas referências teóricas se situam no campo da psicologia social, da psicologia, da sociologia e da antropologia. Mais especificamente, estamos trabalhando com a teoria das Representações Sociais, dentro da abordagem processual criada e defendida por D. Jodelet, que defende uma psicologia social articulada com a história, a

sociologia e a cultura. As representações sociais estudam um “saber do senso comum”, socialmente elaborado e partilhado.

Desta maneira, o próprio conceito de representações sociais impõe uma mudança nas concepções criadas pela Modernidade, que atribuem o valor de verdade à ciência e de ilusão ou erro ao senso comum. Este abismo que separa o conhecimento científico do saber comum permanece até hoje, e dificulta e muito a aceitação e a legitimidade do saber gerado fora da academia. Segundo Spink (1993), esta diferenciação não é feita somente por numa questão didática. Sem dúvida, ela é feita para garantir o poder exercido por determinados setores da sociedade em detrimento de outros.

No entanto, a teoria das representações sociais nos abre para uma perspectiva que rompe com esse padrão. Ao estudar o conhecimento do homem comum, há que se alargar necessariamente as fronteiras do conhecimento legítimo. Mais que isso, nos abre liberto para a compreensão dos conhecimentos práticos e como estes se situam dentro das teias de significado que tem poder de criar a realidade social.

A argumentação de que o Daime é uma religião onde a coletividade é enfatizada encontra respaldo tanto nos textos dos hinos, quanto nas práticas rituais, e é defendida pela ampla maioria dos estudiosos do tema.

O antropólogo A. Groisman (1999) já menciona o sentimento de coletividade vivido no trabalho de Daime, conhecida como *corrente*: estar na corrente, sentir a corrente, é essencial para que o trabalho com o Daime aconteça:

A corrente espiritual marca uma sintonização de forças cósmicas. Enquanto parte central do rito, a corrente é um fator motivador das performances individuais e grupais. Neste sentido, a corrente é o resultado da integração das forças espirituais, pessoais e coletiva, envolvidas no ritual.(...) Quando a corrente está forte, há a possibilidade de cada um ascender a planos mais altos na espiritualidade, conforme o merecimento pessoal. (GROISMAN 1999,p.70)

O autor afirma que o canto dos hinos forma a base e o fortalecimento da corrente. São os hinos que constroem a corrente, que unificam as pessoas, funcionando como mantras que conduzem os indivíduos para um sentimento de coletividade. Concordamos com este aspecto, e consideramos que o bailado, a dança ritual, também é um elemento muito forte na formação da corrente. Os hinos alinham o grupo numa determinada vibração, numa determinada atmosfera, “são, ao mesmo tempo, mensagem substantiva e mensagem perceptiva” (Groisman, 1999,p.70)

A corrente apresenta alguns fenômenos considerados reais pelos daimistas e que apresentam difícil descrição e abordagem dentro da psicologia científica: produz sensações de que se está captando informações das pessoas presentes (telepatia), ou faz com que várias pessoas aleguem ter sentido a mesma sensação ou emoção, enfim, ter tido mirações semelhantes num determinado momento do ritual. “A informação passa pela corrente e alguns são capazes de captá-la” seria um resumo das explicações dadas por nossos entrevistados:

inclusive de no mesmo dia no salão as pessoas terem mirações coletivas, tanto no externo quanto a nível intuitivo, assim, na meditação. Então eu acho que realmente pode, porque a informação está no cosmos e as pessoas mais sensíveis podem captar dali uma mesma coisa. Porque que vai ser sempre diferente, se está todo mundo ali no mesmo contexto, todo mundo no mesmo mundo, então às vezes uma pessoa vê de uma forma, outra vê de outra, mas todo mundo vai captar a mesma coisa.(S8)

Este elo interpessoal começa a ser construído no início do trabalho espiritual e depende de uma série de fatores: das pessoas presentes estarem concentradas estarem concentradas no ritual, terem feito a abstinência de sexo, álcool e alimentos “pesados”, gordurosos, três dias antes e depois dos rituais, rezarem e cantarem com força e fé, etc. A harmonia no canto e na dança sem dúvida fortalecem a corrente, e o fato dos fardados presentes no ritual estarem bem concentrados e atentos ao que está se passando também. São citados outros fatores “espirituais” que estão fora de qualquer tentativa de controle dos presentes: num dia a corrente pode ser sentida como forte, em outros como difícil, pesada, ou em outros como fraca.

Embora a corrente não seja concreta, ela não é irreal ou ilusória. Ela traz consigo uma forte sensação de pertencimento e propósito ao grupo no momento do ritual. Tal como definem Luckman e Berger:

Minha consciência por conseguinte é capaz de mover-se através de diferentes esferas de realidade. Dito de outro modo, temos consciência de que o mundo consiste em múltiplas realidades. Quando passo de uma realidade para outra experimento a transição como uma espécie de choque. (...) A mais simples ilustração deste deslocamento é o ato de acordar de um sonho. (2003, p.38)

Além disso, os entrevistados afirmaram que os daimistas que estiverem mais “sintonizados” podem captar melhor as informações que passam pela corrente. Essas pessoas, por terem o propósito de elevação espiritual bem firme em suas mentes, podem inclusive ter mirações semelhantes, pois estão buscando coisas parecidas. Portanto a

emoção e o objetivo com que se toma o Daime pode unir essas pessoas dentro da corrente.

Nas entrevistas foi muito comum a concepção de que sob efeito do Daime o grupo ali presente tem uma força maior do que a simples soma das pessoas no salão, e que durante o trabalho algumas informações podem vir ao mesmo tempo para vários participantes. Em alguns dos relatos e descrições demirações extremamente fortes e “elevadas” (por ex., visitas a lugares paradisíacos, encontros com N. Sra. ou Jesus), a pessoa percebeu que havia outras pessoas neste “outro plano”, algumas das quais estavam fisicamente presentes naquele determinado ritual. Vejamos:

(...) é porque o Daime é corrente, o Daime é grupo, ele não é uma experiência isolada, ele sempre é em grupo. Então se num trabalho os aparelhos (*os indivíduos participantes, n.a.*) estão capacitados e gabaritados, naquele momento, se as circunstâncias permitirem, essas pessoas vão pra lugares incríveis, e vão junto. E é a melhor coisa do Daime. (...) Uns mais outros menos, mas todos juntos. (...) Mas quando todos vão, todos vivem isso. E todos sabem que viveram isso. E aí é inesquecível. Essa capacitação como o coletivo é o grande segredo. (S19)

Esse “espírito de grupo” não se assemelha a uma lavagem cerebral, pois uma mesma informação que “passa pela corrente” pode ser captada de formas diferentes pelos participantes. Por ex., muitas pessoas podem sentir uma determinada sensação ou perceber que uma determinada energia atravessou o grupo, mas cada um irá explicar esse fenômeno a sua maneira, ou utilizar códigos diferentes para descrevê-la. Ou seja, o sentimento de ser um só com o coletivo é forte e muito comum na doutrina, mas não podemos dizer que as pessoas, por mais “gabaritadas” que sejam, vejam exatamente as mesmas imagens ou recebam exatamente as mesmas informações:

Eu particularmente teve uma época que eu estava na igreja X, que durante um momento eu vi tudo, tudo iluminado sobre a Igreja e um barulho assim do universo, um barulho diferente, que ficou um tempo. E aí esse barulho se afastou e foi embora. Pra mim era uma nave. Pensei: uma coisa muito forte aconteceu aqui. E depois neste dia eu escutei outras pessoas falando desse momento conversei com outras pessoas que afirmaram que com certeza viram a mesma coisa que eu. (...) Se naquele dia a gente chamou e fez contato com aquela energia, porque foi muito real. E cada um falou que era uma coisa. Uns falaram que era uma energia de São Miguel, eu achei que era uma nave...Mas foi um muito intenso, forte, vivido por todos.(S20)

Ou seja, a “corrente”é um fenômeno psicossocial conhecido e sentido pelos participantes do Santo Daime, sendo alvo de considerações e trocas de impressões em

suas conversas fora do ritual. Manter a corrente em harmonia é um aspecto fundamental para que o ritual transcorra bem, e o grupo se esforça, por meio de concentração, organização e cumprimento de normas rituais, para que este objetivo seja alcançado.

## **2- Trocas psicossociais pós-ritual**

Além dos aspectos coletivos envolvidos da experiência do ritual, existe toda uma gama de relações psicossociais envolvidas nas relações pessoais pós-trabalho. Alguns entrevistados afirmaram que gostam de contar suas mirações e sensações sentidas na *corrente* para amigos ou pessoas em quem confiam (cônjuges, ou pessoas mais velhas na doutrina com quem se tem algum tipo de relação mais íntima) simplesmente para partilhar a experiência.

Embora praticamente todos os entrevistados tenham mencionado a recomendação do Pd. Sebastião (líder da linha daimista escolhida para nossa pesquisa) de se calar sobre as mirações, de guardá-las para si “para que elas não percam sua força”, percebemos que praticamente todos contam para alguém suas experiências pessoais. Os que não contam, quase em sua totalidade, apreciam muito ouvir as narrativas dos outros. As rodas de conversa (sobre mirações ou sobre o ritual em si) após os trabalhos fortalecem os vínculos de amizade e a identidade daimista. Nem sempre há a intenção de decifrar ou interpretar o conteúdo das mirações, mas há sem dúvida a vontade de trocar as experiências e confirmá-las como legítimas dentro do sistema teológico da doutrina.

Nesse sentido podemos perceber que contar sobre estes momentos é uma prova de confiança, uma dádiva que fortalece o vínculo social de amizade com aquela determinada pessoa. A vontade de dividir com alguém um momento muito forte e especial com alguém em que se confie costuma ser apontado como o principal motivo para esta troca pós-trabalho espiritual. Soma-se a isso a vontade e tentativa de interpretar o sentido da miração ou de encontrar o significado de alguma imagem simbólica surgida na vivência:

E eu tenho umas três irmãs (*da doutrina, n.a.*) que a gente está se falando quase que todo dia, três vezes ao dia pelo menos. Então a gente fala de rigorosamente tudo, uma conta sonho, miração, *pra* outra, a gente vê, lembra, destrincha junto, com a irmandade mesmo. Eu tenho um pouco de problema com essa coisa de Padrinho, Madrinha, tenho uma certa resistência, (...) Aí não tenho muito essa coisa de falar com Padrinho,

mostrar hino. Então falo mais com a turma mesmo, os irmãos, os compadres, a gente troca muito, é uma coisa bem rica até.(S23)

Alguns entrevistados consideram que uma opinião vinda de quem não os conhece (e mais ainda de quem nunca tomou daime) pode confundir a questão, mais do que esclarecer. Já um amigo teria além da boa vontade em ouvir, um genuíno interesse em ajudar a interpretar ou decifrar a miração. Ou seja, pode-se afirmar que há uma rede de troca de narrativas de mirações, mas que passa mais pela via dos vínculos afetivos do que pela via da autoridade. Embora a partilha de experiências seja aceita e bem vinda em certos momentos, a noção de que se deve guardar segredo sobre determinadas experiências é bem difundida.

No entanto, a experiência com o Daime cria um elo de saber e cumplicidade entre os que viveram aquela experiência. A realidade socialmente partilhada, embora esteja ancorada na tradição e no passado, será sempre influenciada por novas práticas e discursos. Estes tem o poder de produzir mudanças no sistema de pensamento social, gerando processos criativos e inovadores na vida cotidiana. Tal como ressaltam Luckman e Berger (2003):

Sendo produtos históricos da atividade humana, todos os universos socialmente construídos modificam-se e a transformação é realizada pelas ações concretas dos seres humanos. (...)A realidade é socialmente definida. Mas as definições são sempre *encarnadas*, isto é, indivíduos concretos e grupos servem como definidores da realidade. (p.157)

O antropólogo Fericgla (2000), especializado em estudos sobre as religiões “de mistérios”, ou seja, religiões que se baseiam num êxtase religioso, afirma que as emoções são tão importantes para a dinâmica social que deveriam ser tema central nas ciências humanas. No entanto, de acordo com o autor, há tanto na sociologia quanto na antropologia um menosprezo em relação ao estudo das emoções dentro de um grupo ou sociedade. Por exemplo, ele considera que o cristianismo católico propõe o amor, a fraternidade e a plenitude do gozo de viver como *modelo emocional ideal* de sua cultura. Porém, o *modelo emocional real* é uma profunda culpa e medo do castigo subsequente, transmitidos pelo processo de socialização primária. Fericgla define a articulação entre emoção e sociedade da seguinte maneira:

Segundo a antropologia, as emoções devem ser entendidas como o campo básico sobre o qual se cria a rede de conexões e práticas sociais que derivam em sistemas e conteúdos culturais. *As emoções são a matriz sobre a qual se*



*move a vida social, são tipos básicos de condutas relacionais sobre as quais se dá a comunicação necessária para criar diversos mundos culturais.* (tradução da autora)(grifo do autor. Fericgla, 2000, pg.2<sup>1</sup>)

Para este pesquisador, as emoções estão ligadas à memória e são chaves para a recordação de eventos sociais, sobretudo em grupos que se baseiam narrativas orais para montar sua história. Enquanto os ocidentais letrados organizam sua memória social através de associações abstratas, as populações orais usam as emoções como guias mnemônicos. Isso é especialmente interessante para o estudo dos grupos daimistas, que em seus primórdios quase não usavam a escrita, por falta de acesso aos estudos e pobreza.

### **Conclusão**

Portanto, embora os estados alterados de consciência e *insights* ligados ao uso ritual de psicoativos sejam profundamente pessoais, também é inegável o quanto os mesmos repercutem na vida social, seja através na mudança no comportamento do indivíduo e do grupo, seja porque tais “revelações” são incorporadas às idéias religiosas, justificando-as e permitindo que sistemas mais estruturados e formais sejam construídos.

O Santo Daime é uma religião que promove uma ampla interação entre o individual e o coletivo, o ritual e o cotidiano, o auto-conhecimento e a transformação grupal. A vida e as práticas comunitárias são estimuladas e bem vistas. Tal como já foi mencionada em nossa pesquisa de mestrado (Araújo 2005), os daimistas levam muito a sério o hino que diz: “É rezar e por em prática”.

A argumentação de que o Daime é uma religião onde a coletividade é enfatizada encontra respaldo tanto nos textos dos hinos, quanto nas práticas rituais, e é defendida pela ampla maioria dos estudiosos do tema. Além disso, o Daime apresenta uma série de atividades sociais onde homem, cultura e meio ambiente interagem de forma dinâmica.

A miração é considerada capaz de “passar a limpo” a vida da pessoa, e pode trazer muitos entendimentos sobre seu Si-Mesmo, seu *Self*, sua missão na Terra, enfim, uma re-significação da própria vida dentro de uma ótica mais espiritualizada. Mas

---

<sup>1</sup> Desde la antropología, las emociones deben entenderse como el campo básico sobre el cual se crea la red de conexiones y prácticas sociales que devienen en sistemas y contenidos culturales. *Las emociones son la matriz sobre la que se mueve la vida social, son tipos básicos de conductas relacionales sobre las que se da la comunicación necesaria para crear los diversos mundos culturales.*(grifo do autor. Fericgla, 2000, pg.2

também é inegável a forte influência e troca entre o indivíduo e o grupo no momento ritual, e também fora dele. As emoções experimentadas, as práticas sociais sagradas e cotidianas abrem um relevante leque de temas que merecem estudos pela psicologia social das religiões.

### **Referências Bibliográficas**

ARAÚJO, M.C.R.: **Santo Daime: Teoecologia e adaptação aos tempos modernos.** Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social – UERJ, 2005.

BERGER, P. L. , LUCKMAN, T. (2003) - **A Construção Social da Realidade.** Petrópolis, Vozes.

FERICGLA, J.M.(2000): **As respirações catárticas, entre a Biologia e a Cultura. Uma técnica da consciência.** Disponível em: <http://arcadauniao.org/>. 13a edição. Acesso em 10/2007

FERICGLA, J.M.(2004): **Cultura y emociones: Manifiesto por una Antropología de las emociones.** Disponível em: <http://www.etnopsico.org>. Acesso em 10/2007

GROISMAN, A.(1999)- **Eu venho da Floresta- Um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime.** Santa Catarina, UFSC.

SPINK, M. J. P.(1993)- **O conceito de representação social na abordagem psicossocial.**In: Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, Set. p.1 a 9.